



NOTAS

Sôbre a Fauna das Ilhas Berlengas e Farilhões

POR

AUGUSTO NOBRE

Antigo professor catedrático e Director do Museu de Zoologia
da Universidade do Pôrto e da Estação de Zoologia marítima da Foz do Douro

E

JOSÉ M. BRAGA

Naturalista do Museu e antigo Prof. auxiliar de Zoologia da Universidade do Pôrto

Depois de publicada a memória de DAVEAU e A. GIRARD sôbre uma excursão às Ilhas Berlengas e Farilhões¹ pouco há a acrescentar à modificação das ilhas sob o ponto de vista orográfico.

Alguns desmoronamentos se têm dado, sem que dêsse facto tenham resultado grandes modificações no aspecto das ilhas.

DAVEAU fêz a primeira excursão acompanhado por PAUL CHOFFAT e, então, puderam reconhecer de um modo superficial a constituição geológica das Berlengas, não conseguindo desembarcar nos Farilhões, o que de resto nem sempre é possível, mesmo com fraca agitação do mar em razão da ressaca vinda do N. O. e da verticalidade das encostas do Farilhão Grande, cujo farol tem acesso por o pequeno, estreito e violento caminho que parte do cais de desembarque. Na segunda viagem DAVEAU foi acompanhado por ADOLPHO TOURETTE e ambos conseguiram abordar e

¹ DAVEAU (J.) — *Excursion aux îles Berlengas et Farilhões, avec notice zoologique sur ces îles*, par ALB. GIRARD, in «Bol. Soc. Géog. de Lisboa», 8.º, Lisboa, 1884. Já muito depois de escrito êste esbôço da nossa viagem às ilhas, um de nós recebeu a oferta de um exemplar do trabalho geológico, magistral, do Sr. CARLOS FREIRE DE ANDRADE, sôbre *Os vales submarinos Portugueses e o diastrofismo das Berlengas e da Estremadura*, «Serviços Geológicos de Portugal», 1937.

desembarcar no Farilhão Grande, reconhecendo então que a constituição geológica destes rochedos é diferente, dos da Berlenga, isto é, granito nesta ilha e gneiss no Farilhão.

De facto assim é. O granito da Berlenga, como pudemos observar, é constituído por um feldspato de grandes cristais róseos, enquanto que o Farilhão é de estrutura gneissica, ambos éles pois de natureza diferente da costa fronteiriça, Peniche.

Todo este aglomerado de ilhotas, Berlenga, Estelas, Forçadas, Farilhões ficam, os mais próximos, a 10 ou 12 quilómetros e a oeste de Peniche. Actualmente esta distância pode vencer-se em embarcações de pesca ou na dos serviços de Faróis em três quartos de hora ou em uma hora. Os Farilhões ficam mais ao noroeste e a uma distância das Berlengas que pode percorrer-se, conforme o estado do mar, em meia hora ou três quartos de

hora ¹.

Como só desembarcámos na Berlenga e no Farilhão Grande é apenas a estas ilhas que nos referiremos. Quási tôdas as outras são pequenas ou simples penhascos, quási inacessíveis, ou simplesmente descobertas nas vasantes. Junto do Farilhão Grande, ficam uns grandes rochedos, os Ferreiros, com vegetação, onde também nidificam as aves, sendo muito frequentados pelos pescadores que aí vão fazer grande colheita de ovos.

A Berlenga tem a forma alongada, mais estreita nas extremidades. Do lado do norte vêem-se grandes desmoronamentos e do lado do sul o aspecto é muito diverso, pois que a erosão deu lugar à formação de uma grande bacia, parcialmente coberta, o que lhe dá o aspecto de uma nave de catedral, de grande altura, e que é conhecida pela Cova do Sono e onde, com bom tempo do sul, as embarcações podem entrar, gosando-se o aspecto imponente que ela oferece.

Esta Cova tem comunicação com o mar pelo lado de leste por um túnel, o *furado*, um corredor estreito e de pouca profundidade e acessível durante as vasantes, a pequenas embarcações. A abertura fica voltada para Peniche. Outras cavidades ou gru-

¹ DAVEAU e GIRARD indicam a distância entre os Farilhões e as Berlengas como sendo de 15 milhas, no que há erro tipográfico, pois deve ser 5 milhas.

tas se abrem nos flancos da
a baixa mar e outras que
se encontram carreiros en
destacadas, únicos abrigos
nesta ilha. Os dois prin
Carreiro da Fortaleza da
lado de terra e com fund
ções de pesca com motor,
o único caminho facilmen
nalto da ilha e utilizado
nome tem a origem num
truído em 1500, e do qua
direito, restos dos alicerces

O outro, o da Fortale
à grande Fortaleza, agora
truída sobre uns rochedos
ligada por um pontilhão
parte um caminho escabro
bém ao planalto do Faro
preparar acomodações pa
por algum tempo na ilha
oficiais que faziam a gua
podem utilizar regularme
leza um antigo soldado r
Melhor é, porém, para q
levar um cosinheiro e vív
de repouso e estudo. A
empenha-se em bem serv
Secretário dessa Comissão
como nos sucedeu da prin
mos a falta de comunica
nos isolou dela durante t
recorrer à generosidade d
É bom levar mantimentos
os precalços desagradáveis
como referimos. Embora
alguns mantimentos, além
ocasião do embarque contá
cações que se dirigem para

tas se abrem nos flancos da ilha, umas que ficam a sêco durante a baixa mar e outras que conservam sempre alguma água. Ainda se encontram carreiros entre o macisso central e penedias dêle destacadas, únicos abrigos que as embarcações podem encontrar nesta ilha. Os dois principais são o Carreiro do Mosteiro e o Carreiro da Fortaleza de S. João Baptista, ambos situados do lado de terra e com fundos suficientes para as grandes embarcações de pesca com motor. O maior é o do Mosteiro, donde parte o único caminho facilmente acessível e regularizado para o planalto da ilha e utilizado pelos serviços de farolagem. O seu nome tem a origem num antigo mosteiro que aí existiu, construído em 1500, e do qual apenas se vêem, à entrada e do lado direito, restos dos alicerces.

O outro, o da Fortaleza, um pouco ao sul, deve o seu nome à grande Fortaleza, agora em parte desmornada, que foi construída sôbre uns rochedos, separados da vertente da ilha e a ela ligada por um pontilhão de pedra, em arco e estreito, donde parte um caminho escabroso e em forte declive, que conduz também ao planalto do Farol. É nesta Fortaleza que se procura preparar acomodações para as pessoas que desejem permanecer por algum tempo na ilha, aproveitando os antigos quartos dos officiais que faziam a guarnição dêste antigo forte, e que já se podem utilizar regularmente. Vive permanentemente na fortaleza um antigo soldado reformado que pode preparar a comida. Melhor é, porém, para quem pretende demorar-se alguns dias, levar um cosinheiro e víveres, de Peniche, para essa temporada de repouso e estudo. A Comissão de Turismo de Peniche, empenha-se em bem servir os visitantes, mercê do desvelado Secretário dessa Comissão o Sr. Leitão, para que não aconteça como nos succedeu da primeira vez que visitámos a ilha. Sofremos a falta de comunicação com terra pela forte nortada que nos isolou dela durante três dias em que nos vimos obrigados a recorrer à generosidade do amável chefe dos serviços do Farol. É bom levar mantimentos suficientes para vários dias, para evitar os precalços desagradáveis que nos aconteceram na primeira visita, como referimos. Embora tendo por iniciativa pessoal, levado alguns mantimentos, além dos que pela Junta foram enviados na ocasião do embarque contávamos com a visita diária das embarcações que se dirigem para a pesca e a remessa de frescos, o que

geralmente sucede. A experiência serviu-nos para a segunda visita à ilha em que nada nos faltou. Além disto existem fornos, junto dos aposentos que puderam ser utilizados.

Foi também devido à amabilidade do Sr. chefe dos serviços de farolagem, que pudemos acompanhar os funcionários que foram afinar o Farol do Farilhão. É com prazer que aqui deixamos registado o nosso agradecimento a êsse simpático funcionário, que tornamos extensivo gostosamente ao seu sucessor pelos serviços e informações que igualmente nos prestou.

Êstes pormenores desviaram-nos da descrição da ilha a que damos agora seguimento.

São freqüentes, como dissemos, as grutas abertas no contorno da Berlenga, umas maiores outras menores. Estas grutas oferecem com bom tempo um passeio agradável. A água nesses recantos e abrigos apresenta tonalidades de grande beleza, pelas algas coloridas e variadas, verdes, azuis, vermelhas que em abundância tapetam os fundos de rocha, como raro temos observado em outra qualquer parte do litoral. Isto mesmo se encontra nas águas tranqüilas, na maré baixa nos fundos, que ficam entre a fortaleza e a encosta fronteira.

Do lado do poente existe um outro carreiro, designado Carreiro dos Cações, porque segundo os pescadores é aí que vão desovar os cações.

Os cações, pelo menos o *Scyllorhynchus canicula*, que aparece em Peniche, desova facilmente em qualquer lugar onde haja algas.

Durante alguns anos, quando um de nós dirigia a Estação de Zoologia Marítima da Foz do Douro, manteve nos Aquários exemplares desta espécie, que aí se reproduziam, chegando os embriões nascidos a viver alguns dias (A. NOBRE, *Vertebrados de Portugal*, p. 417, 1935).

Durante êsse tempo pudemos manter os aquários marinhos sempre bem povoados, de maneira a rivalizarem com os melhores da Europa que depois tivemos ocasião de visitar. Só os de Nápoles os excediam em riqueza de Fauna.

Êste Carreiro é muito mais estreito que os outros da vertente oriental e vem formar com o Carreiro do Mosteiro um grande estrangulamento da ilha, dividindo-a em duas partes, uma aproximadamente de um terço do comprimento total da ilha, a parte chamada *Ilha Velha*, a outra chamada mais espe-

cialmente *Berlenga* onde est
estrangulamento que passa
próximo. A ilha é truncad
dentado. O Farol com tôda
a 80^m de altitude. O comp
a largura de 800^m.

Durante o inverno e po
isolada de terra por absolu
barcos ou navios.

Contaram-nos que hou
o desânimo chegou às fami
mentação, sobretudo para a
guerra pode prestar serviç
ria servir de campo de ater
se poder abalançar à travess
os isolados. O que faz mu
telegrafia sem fios, poisque
é impraticável com o nevoei
nas costas marítimas, de ma

Na época em que estiv
mamente escassa, apenas du
do Carreiro da Fortaleza, r
da praia do Mosteiro, mas e
armazená-la em dois pequ
verão nos cântaros que lá
caíam da abóbada da caver
mentos têm sido efectuaços
em 1938.

A causa da falta da ág
das culturas que, segundo I
certo cuidado ou intensida
obrigado a destruir os coe

Actualmente são os co
constituem um recurso par
pedrada os atacam, resvalan
cair ao mar, como tivemos
e as aves marítimas que o
mais perigosos, que contrib
de alimentação que muitos

cialmente *Berlenga* onde está situado o Farol. É por cima dêste estrangulamento que passa o caminho para o Farol, que fica próximo. A ilha é truncada, formando um planalto pouco acidentado. O Farol com tôdas as suas dependências está instalado a 80^m de altitude. O comprimento da ilha é de cêrca de 1500^m, a largura de 800^m.

Durante o inverno e por ocasião de temporais esta ilha fica isolada de terra por absoluta impossibilidade de atracação dos barcos ou navios.

Contaram-nos que houve uma ocasião de temporais em que o desânimo chegou às famílias dos faroleiros pela falta de alimentação, sobretudo para as crianças, e que nem um navio de guerra pôde prestar serviços eficazes. O planalto da ilha poderia servir de campo de aterragem de algum avião, no caso de êle se poder abalançar à travessia ou, ao menos, levar alimentos para os isolados. O que faz muita falta na *Berlenga* é um pôsto de telegrafia sem fios, poisque o sistema de comunicação com a terra é impraticável com o nevoeiro ou mesmo a neblina tão freqüentes nas costas marítimas, de manhã ou ao entardecer.

Na época em que estivemos na ilha a água dôce era extremamente escassa, apenas duas pequenas nascentes, uma ao fundo do Carreiro da Fortaleza, na praia, e a outra também ao fundo da praia do Mosteiro, mas em tão pouca quantidade que é preciso armazená-la em dois pequenos reservatórios de cimento e no verão nos cântaros que lá deixavam para recolher as gotas que caíam da abóbada da caverna. Não sabemos se alguns melhoramentos têm sido efectuados desde a nossa segunda estada na ilha, em 1938.

A causa da falta da água foi certamente motivo do abandôno das culturas que, segundo DAVEAU e GIRARD, chegaram a ter um certo cuidado ou intensidade, a ponto do seu cultivador se ver obrigado a destruir os coelhos que se desenvolveram na ilha.

Actualmente são os coelhos outra vez muito abundantes e constituem um recurso para os freqüentadores da ilha que até à pedrada os atacam, resvalando êles pelas encostas e muitos vêem cair ao mar, como tivemos ocasião de observar. São os coelhos e as aves marítimas que os pescadores vão procurar nos sítios mais perigosos, que contribuem para atenuar um pouco a crise de alimentação que muitos dêles scfrem.

Só um homem, com o feitio filosófico do Sr. Morgado, assim se chama o guarda permanente da fortaleza, pode resistir a viver todo o ano, com raríssimas fugas a Peniche, isolado, cenobita que tem por companhia os ratos e algumas aves desgarradas, para ali levadas pelos ventos durante os longos temporais de inverno em que a sua habitação, dentro da fortaleza, é batida pelas vagas, que segundo êle diz, até avançam as muralhas e lhe vão bater às portas. É um homem interessante e curioso, que durante o verão tem boas companhias nos excursionistas que visitam a ilha.

Perguntando-lhe uma vez porque não tem gatos para afugentar os ratos respondeu que os não tem porque êles lhe fogem para os montes e vão comer os coelhos.

No estudo que se
animais, nem isso nos
trabalho sob o título de

Acêrca dos Mamí
caseiro e o coelho, am

É o *Mus musculus*
quantidade de excrem
Actualmente aparece u

Numa carta que u
Mendes, Auxiliar de
em resposta a uma qu
aquêle Museu ali fêz
vino V. que a praga d
e nós talvez por ficar
que lhe não ficava atr
tenas; os coelhos eran

Nós procuramos
mais que se podem
acêrca das aves pouc

Das terrestres a
Também observamos
na Berlenga, nem no
GIRARD. Desaparecer
turas dos cereais? C

Depois que deix
do farol dois corvos,
se havia muitos, que
nas Berlengas, porqu

A fauna

Vertebrados

No estudo que segue não abrangemos tôdas as classes de animais, nem isso nos seria possível; por isso designamos êste trabalho sob o título de *Notas*.

Acêrca dos Mamíferos, GIRARD menciona apenas o rato caseiro e o coelho, ambos, sem dúvida, introduzidos.

É o *Mus musculus* extremamente abundante a avaliar pela quantidade de excrementos que se encontra por tôda a parte. Actualmente aparece uma outra espécie, a *norvegicus*.

Numa carta que um de nós recebeu o Sr. António Francisco Mendes, Auxiliar de Naturalista do Museu BOCAGE de Lisboa, em resposta a uma que lhe dirigimos depois da exploração que aquêle Museu ali fêz em 1933, em nota à sua carta, dizia «Pre-vino V. que a praga das *moscas* que mordem a valer, é um pavor e nós talvez por ficarmos no areal também tivemos outra praga que lhe não ficava atrás, as *pulgas*, devido às ratas serem às centenas; os coelhos eram também muito numerosos.»

Nós procuramos sempre fixar a nossa atenção sôbre os animais que se podem considerar como sedentários na ilha; assim acêrca das aves pouco pudemos observar.

Das terrestres a única vulgar é o *rabiruivo* que aí nidifica. Também observamos a *folosa*, mas o que não pudemos ver, nem na Berlenga, nem no Farilhão foi o *pardal*, muito comum segundo GIRARD. Desapareceria destas ilhas depois que acabaram as culturas dos cereais? Certamente.

Depois que deixámos o Farilhão voaram e poisaram junto do farol dois corvos. Um pescador informou, à nossa pergunta se havia muitos, que só conhecia um casal nos Farilhões e outro nas Berlengas, porque os pais mataram os filhos! Pura fantasia.

Das aves marítimas a espécie mais vulgar é a *Larus argentatus*, «gaivota», que cria na ilha; diziam os pescadores que esta espécie põe dois ovos, se lhos tiram, volta a fazer nova postura e se ainda esta desaparece então faz terceira postura de nove ovos.

O que observámos foi, geralmente, cada casal com dois filhos (em Agôsto) de plumagem cinzenta e já adultos, mas ainda protegidos pelos pais que os vigiam do cimo das rochas, quando elles descem ao mar. Chamam-lhe os pescadores *garrazes* e matam-os para comer.

Nos Carreiros da Fortaleza e do Mosteiro aproximam-se dos barcos dos pescadores sem receio, como, de resto, succede em tôda a parte, para se aproveitarem dos restos que os homens deitam ao mar depois das refeições ou da preparação dos peixes destinados à secagem para serem reservados para o inverno. É curiosa e interessante a vista das gaivotas distribuídas pelas vertentes das ilhas, com seus peitos brancos, copulando-se e preparando os ninhos; os seus ovos constituem um dos principais alimentos dos pescadores nesse tempo; uma outra espécie que se abriga na ilha é a pardéla, *Puffinus kuhli*. Durante o dia mantém-se no mar. Só a vimos uma vez ao oeste da ilha e a pequena distância. À noite recolhem-se aos seus abrigos nas encostas.

Na primeira noite que dormimos na Fortaleza, fomos surpreendidos por uma algazarra infernal de gargalhadas — deviam ser assim as gargalhadas das bruxas, pensámos nós. Informavam-nos então que eram as pardélas em vésperas de abandonar a ilha.

Acêrca dos peixes, como é em tôrno destas ilhas que os pescadores de Peniche vêm fazer as suas pescas com rêdes volantes e de arrasto, e a menor ou maior distância delas, não fazemos menção especial nem mesmo aos que os pescadores, temporariamente habitando a Fortaleza, e daqui vão fazer a pesca para a sua alimentação ou para irem vender a Peniche, mercado sempre fornecido por uma abundante fauna ictiológica. Seria uma duplicação inútil. Citaremos por curiosidade um pequeno peixe o *Lepadogaster Gouani*, muito freqüente nas poças na baixa mar, que com a sua ventosa abdominal adere aos corpos submersos e até às nossas mãos quando procuramos colhê-los. É um peixe bem sedentário.

Dos Reptis apenas *Lacerta ocellata* e a lagartixa em tôda a Berlinda visita a esta ilha notadamente onde está instalada a estação de aproximação dos restos da comida dos faroleros para comer à mão. Esta visita é feita quinzenas, para limpeza dos restos e elles os mantimentos necessários. O Dr. JOSÉ BRAGA colleccionou *ocellata*, dois dos quais se encontram nas coleções do Museu de História Natural.

Sobre as Aves não encontramos em nossa fauna ornitológica uma lista interessante. Algumas espécies freqüentam ou nidificam nas ilhas e cada uma sem nome científico. Apenas a *Larus argentatus*, *Puffinus kuhli*, *Fratercula arctica*, e a *Alcedo isabellina*.

Pela nossa parte podemos citar o *Larus argentatus*, o *Puffinus kuhli* a que tem os seus ninhos nos buracos das muralhas e os guarda-rios *Alcedo isabellina* como espécies reconhecidas. Também a *Upupa epops*, *Corvus corax*, *Columba palumbus*, *Turtur auritus* e *Scolopax rusticola*.

Upupa epops L.,
Corvus corax L.,
Columba palumbus L.,
Turtur auritus L.,
Scolopax rusticola L.

Dos Reptis apenas estão registadas duas espécies, o sardão *Lacerta ocellata* e a lagartixa *Lacerta muralis* que é muito abundante em tôda a Berlenga e no Farilhão. Quando da nossa visita a esta ilha notámos que ao chegarmos à pequena terraplanagem onde está instalado o farol êstes pequenos lacertídios se aproximavam de nós. Estavam já habituados a recolher os restos da comida dos faroleiros e tão domesticados que até vinham comer à mão. Esta visita dos faroleiros faz-se geralmente às quinzenas, para limpeza e afinação da luz permanente, levando êles os mantimentos necessários para as horas que aí passam. O Dr. JOSÉ BRAGA colheu na Berlenga três exemplares de *Lacerta ocellata*, dois dos quais muito grandes, e que fazem parte das colecções do Museu de Zoologia do Pôrto.

Sôbre as Aves não há nos trabalhos publicados àcêrca da nossa fauna ornitológica elementos bastantes para se organizar uma lista interessante. GIRARD menciona vinte e cinco aves que freqüentam ou nidificam na ilha, mas quási tôdas elas são indicadas sem nome científico ou em dúvida. Outros autores citam apenas a *Larus argentatus*, *Puffinus kuhli*, *Phalacrocorax aristoteles*, *Fraterecula arctica*, *Uria aalge*.

Pela nossa parte pudemos observar em grande abundância o *Larus argentatus*, o *Phalacrocorax graculus*, sempre vigilante, pousando nas rochas nos pontos elevados e afastados, a pardéla *Puffinus kuhli* a que também já nos referimos, e, entre os pássaros o rabiruiivo, *Ruticilla tithys* muito comum e nidificando até nos buracos das muralhas da fortaleza e uma folosa (sp.?) o guarda-rios *Alcedo ispida* e as seguintes indicadas por GIRARD como espécies reconhecidas com certeza habitando as ilhas Berlenga e Farilhão Grande:

Upupa epops L., Poupa.

Corvus corax L., Corvo.

Columba palumbus L., Pombo bravo.

Turtur auritus BAY, Rôla.

Scolopax rusticola L., Galinhola.

Invertebrados terrestres

Moluscos

POR

A. NOBRE

Gastrópodos

Zonitidae

Hyalinia cellaria (MÜLLER).

Berlenga, encosta do Carreiro do Mosteiro (N.).

Helicidae

Helix barbula ROSSMASSLER.

Berlenga, alguns exemplares (GIRARD, N.).

Helix Pisana MÜLLER.

Berlenga (GIRARD, N.) vulgar. Farilhão (N.).

Helix apicina LAMARCK.

Berlenga (GIRARD, N.).

Helix intersecta POIRET.

Berlenga (GIRARD, N.).

Helix barbara LINNÉ.

Berlenga e Farilhão Grande (N.).

Helix inchoata MORELET.

Berlenga, no planalto da ilha. Esta espécie é muito vulgar em tôda a costa marítima, onde prefere a vegetação rasteira (N.).

Pupa umbilicata DRAPARNAUD.

Berlenga e Farilhão Grande (N.). É vulgar.

Artrópodos

POR

J. M. BRAGA

Os materiais colhidos nas visitas que ali fizemos não são abundantes nem tal esperavamos em momento algum, dadas as pequenas dimensões da ilha e as desfavoráveis condições físicas que oferece à vida dêstes invertebrados: reduzida vegetação, formada exclusivamente de plantas rasteiras, falta de água doce, grandes variações higrométricas anuais, etc.

O seu exame, porém, permite formar uma idéia algo exacta da fauna insular, a qual, mesmo com as rectificações e aditamentos consequentes a novas explorações, não haverá de ser grandemente modificada nas suas características.

Verifica-se, de um modo geral, que se trata de uma faunula temporária adaptada a fortes oscilações de temperatura e umidade, de introdução recente e continuamente renovada com indivíduos que da costa continental para ali são transportadas por numerosos barcos de pesca e outros, após uma rápida travessia de cinquenta minutos, e constituída por formas quasi tôdas conhecidas na Península e perfeitamente idênticas a estas. Não se encontram, na verdade, quaisquer modificações que possam atribuir-se a influência insular.

As espécies adiantadas e espécies colhidas nas visitas. As restantes e as demoradas e mais felizes em melhores circunstâncias.

No que particularmente se refere a estes grupos, podemos avançar que algumas espécies não conhecidas.

Os Coleópteros, o grupo mais numeroso da fauna entomológica, apresenta espécies próprias da Península de origem continental. Algumas espécies da família Curculionidae, tendo em consideração a sua adaptação ao desenvolvimento em grande resistência. A exclusividade da colheita se deve ao facto de se ter coligido grande quantidade, pouco demorada, e de natureza diversa, tanto quanto a sua origem.

Esta predominância de espécies endémicas da Península, trinta e quatro espécies de tenebrionídeos e de hispânica (29,4%)

A estas trinta e sete:

Psilotrix cyanea
Coccinella undecimnotata
Cardiophorus
Oedemera
Tentyria
Stenosis
Dichillus
Asida
Blaps
Crypticus
Timarcha

As espécies adiante enumeradas não são a totalidade das espécies colhidas mas apenas as que pudemos até agora identificar. As restantes e as que poderão obter-se em explorações mais demoradas e mais felizes, serão objecto de futura nota, quando melhores circunstâncias o permitirem.

No que particularmente se refere a algumas ordens de artrópodos, podemos avançar a certeza de que na ilha se encontram espécies não conhecidas ainda no continente português.

Os *Coleópteros*, o grupo que melhor caracteriza a pequena fauna entomológica, representam-se por forte proporção de espécies próprias da Península, o que denuncia, seguramente, a sua origem continental. Outra característica notável é a abundância de espécies da família *Tenebrionidae*, facto surpreendente mesmo tendo em consideração as particularidades do meio, pouco favorável ao desenvolvimento de espécies que não possuam larvas de grande resistência. E não deve esta percentagem atribuir-se a exclusiva colheita sob as pedras, se bem que tenha sido aí que se coligiu grande parte das espécies higrófilas. A nossa exploração, pouco demorada, é certo, foi, no entanto, intensa e minuciosa, tanto quanto possível.

Esta predominância de tenebrionídeos e de espécies particulares da Península já havia sido notada por GIRARD. Entre as trinta e quatro espécies por este autor determinadas encontram-se dez tenebrionídeos (29,4%) e dez espécies características da fauna hispânica (29,4%).

A estas trinta e quatro espécies acrescentam-se agora dezasseite:

- Psilotrix cyaneus* OLIV.
- Coccinella undecimpunctata* L.
- Cardiophorus signatus* OLIV.
- Oedemera simplex* L.
- Tentyria Heydeni* HAAG.
- Stenosis pilifera* SOL.
- Dichillus subcostatus* SOL.
- Asida costulata* SOL.
- Blaps hispanica* SOL.
- Crypticus zophossoides* HEYD.
- Timarcha lusitanica* F.

Apteropeda globosa ILLIG.
Longitarsus ochroleucus MARSH.
Eusomus salsicola FAIRM.
Hypera lusitanica CAP.
Coniatus repandus FALL.
Amphimallus lusitanicus GYLL.

nas quais se incluem seis tenebrionídeos e onze próprias da fauna peninsular, o que aumenta bastante aquelas proporções. Os tenebrionídeos concorrem, pois, com dezasseis espécies, ou sejam 31,4% do total da fauna conhecida, e nesta encontram-se vinte e uma espécies próprias da Península, ou sejam 41,2%. Números elevados que novas adições à fauna dos coleópteros da ilha não virão, certamente, alterar de modo sensível.

Os Dípteros formam um conjunto incaracterístico de espécies comuns em toda a região paleártica, em que se verifica a existência de insectos antófilos a que se juntam formas domésticas, coprófilas, saprófilas e algumas vulnerantes, sugadoras de sangue.

Encontram-se representadas nesta pequena fauna dipterológica dez famílias em que predominam os devoradores de detritos a que se seguem, em número, os florícolas e os caçadores. Faltam, naturalmente, as espécies de larvas aquáticas.

A localização na Berlenga das quarenta e duas espécies determinadas é registada, agora, pela primeira vez. Um só díptero, *Asilus rufimanus*, que sabemos, havia sido incluído na fauna das ilhas, no Farilhão Grande.

Os afanípteros, himenópteros, lepidópteros, heterópteros, homópteros, ortópteros, blatários e psocópteros aparecem representados por pequeno número o que deve reflectir as proporções das respectivas faunas.

Dos restantes artrópodos terrestres nada há a destacar a não ser a extrema abundância de *Uroctea durandi* que encontramos, pode dizer-se, sob todas as pedras deslocadas, e a presença do *Lithobius pilicornis*, chilípodo característico das ilhas do Atlântico e já mencionado na nossa fauna.

Deficiências bibliográficas para identificar uma espécie. Esperamos poder fazê-lo às relações internacionais e ao êxito de estudos desta r

Licinus silphoides FAB.

Berlenga: abundante em todo o país.
Europa meridional

Agonum marginatum L.

Berlenga: abundante em todo o país.
Europa

Calathus mollis MA

Berlenga: abundante em todo o país.
Europa.

Dromius linearis OR

Berlenga: em todo o país.
Europa meridional

1 Devemos a o distinto coleopterolo

Deficiências bibliográficas não nos permitiram, por agora, identificar uma espécie de *Iulus*, muito abundante também. Esperamos poder fazê-lo quando vierem tempos mais favoráveis às relações internacionais, condição indispensável para o bom êxito de estudos desta natureza.

Insectos

Coleópteros ¹

Carabidae

Licinus silphoides FAB.

Berlenga: abundante; debaixo das pedras. Comum em todo o país.

Europa meridional. Região mediterrânea.

Agonum marginatum L.

Berlenga: abundante; debaixo das pedras. Freqüente em todo o país.

Europa

Calathus mollis MARSH.

Berlenga: abundante. Freqüente em todo o país.

Europa.

Dromius linearis OL.

Berlenga: em pequeno número. Espalhado por todo o país.

Europa meridional.

¹ Devemos a determinação de algumas espécies à amabilidade do distinto coleopterologista Sr. P.^o RAMIRO DAS NEVES.

Staphylinidae

Staphylinus ophthalmicus SCOP.

Berlenga: comum em tôda a ilha e espalhado por todo o país.
Europa.

Staphylinus aeneocephalus DE GEER.

Berlenga: raro; debaixo das pedras. Pouco freqüente em Portugal.
Europa.

Cantharidae

Psilothrix Illustre WOLL.

Berlenga: pouco comum; nas flores. Freqüente em Portugal.
Espécie própria da Península ibérica.

Psilothrix cyaneus OLIV.

Berlenga: raro. Pouco freqüente em Portugal.
Alemanha, França, Europa meridional.

Haplocnemus sp.

Berlenga: sôbre as compostas. Espalhado pelo país (GIRARD).

Coccinellidae

Coccinella undecimpunctata L.

Berlenga: freqüente; sôbre as plantas. Freqüente em todo o país.
Europa.

Coccinella septempunctata L.

Berlenga: abundante; sôbre as plantas. Comum em todo o país.
Europa.

Cardiophorus signatus C.

Berlenga: um só e
Espécie própria da

Oedemera simplex L.

Berlenga: pouco n
Espécie própria da

Heliotaurus ruficollis F.

Berlenga: abundan
o país.
Espécie própria d

Tentyria Heydeni HAAC.

Berlenga: abunda
Espécie própria d

Tentyria sp.

Farilhão: numero

Stenosis pilifera SOL.

Berlenga: em pe
Península ibérica

Dichillus subcostatus S.

Berlenga: um só
Espécie própria d

Elateridae

Cardiophorus signatus OLIV.

Berlenga: um só exemplar. Pouco comum em Portugal.
Espécie própria da nossa península.

Oedemeridae

Oedemera simplex L.

Berlenga: pouco numerosos. Freqüente em todo o país.
Espécie própria da nossa península.

Alleculidae

Heliotaurus ruficollis FABR.

Berlenga: abundante; sôbre as umbelíferas. Comum em todo o país.
Espécie própria da nossa península.

Tenebrionidae

Tentyria Heydeni HAAG.

Berlenga: abundante. Freqüente no país.
Espécie própria de Portugal.

Tentyria sp.

Farilhão: numerosos (GIRARD).

Stenosis pilifera SOL.

Berlenga: em pequeno número. Disperso por todo o país.
Península ibérica. Grécia.

Dichillus subcostatus SOL.

Berlenga: um só exemplar. Pouco freqüente no país.
Espécie própria da nossa península.

Asida dubia RAMB.

Berlenga: muito abundante; debaixo das pedras.
Farilhão Grande: raro. Freqüente no país.
Espécie própria da nossa península.

Asida costulata SOL.

Berlenga: freqüente; debaixo das pedras. Freqüente no país.
Espécie própria de Portugal.

Scaurus sticticus GEMM.

Berlenga: pouco numerosos; debaixo das pedras. Abundante no país.
Península ibérica. Cabo Verde.

Scaurus sp.

Berlenga: numerosos, debaixo das pedras (GIRARD).

Blaps lusitanica HERBST.

Berlenga: comum nas imediações dos edifícios do farol bem como em todo o país.
Espécie própria da nossa península.

Blaps gages L.

Berlenga: menos abundante do que a *lusitanica*. Comum em todo o país.
Europa meridional.

Blaps hispanica SOL.

Berlenga: é o *Blaps* mais abundante na ilha. Freqüente em todo o país.
Espécie própria da nossa península.

Colpotus similaris MULS.

Berlenga: raro. Pouco
Espécie própria da

Heliopathes lusitanicus H.

Berlenga: comum; d
Farilhão Grande: n
Frequente no país.
Espécie própria da

Micrositus ulyssiponensis

Berlenga: abundan
Frequente no país.
Espécie própria de

Crypticus pusillus ROSEN

Berlenga: um só
Espécie própria da

Crypticus zophossoides L.

Berlenga: freqüent
Espécie própria da

Labidostomis taxicornis

Berlenga: pouco
todo o país.
Europa meridiona

Timarcha lusitanica F.

Berlenga: abund
Espécie própria

Colpotus similaris MULS.

Berlenga: raro. Pouco freqüente no país.
Espécie própria da nossa península.

Heliopathes lusitanicus HERBST.

Berlenga: comum; debaixo das pedras.
Farilhão Grande: numerosos debaixo das pedras (GIRARD).
Freqüente no país.
Espécie própria da nossa península.

Micrositus ulyssiponensis GERM.

Berlenga: abundante. Farilhão Grande: numerosos (GIRARD).
Freqüente no país.
Espécie própria de Portugal.

Crypticus pusillus ROSENH.

Berlenga: um só indivíduo (GIRARD). Freqüente no país.
Espécie própria da nossa península.

Crypticus zophossoides HEYD.

Berlenga: freqüente. Disperso por todo o país.
Espécie própria da nossa península.

Chrysomellidae

Labidostomis taxicornis FABR.

Berlenga: pouco numerosos; sôbre as flores. Freqüente em todo o país.
Europa meridional.

Timarcha lusitanica FABR.

Berlenga: abundante. Freqüente no país.
Espécie própria de Portugal.

Timarcha sp.

Berlenga: comum. Abundante no país (GIRARD).

Chrysomela sanguinolenta L.

Berlenga: pouco numerosos. Freqüente no país.
Europa.

Chrysomela femoralis OLIV.

Berlenga: rara. Pouco freqüente no país.
Espanha, França meridional, Alpes.

Chrysomela gallega FAIRM.

Berlenga: pouco numerosos: sôbre as plantas. Freqüente em todo o país.
Península ibérica, França.

Malacosoma lusitanica L.

Berlenga: abundante; sôbre as umbelíferas. Freqüente em todo o país.
Europa meridional.

Longitarsus ochroleucus MARSH.

Berlenga: abundante. Encontra-se em todo o país.
Europa.

Cassida margaritacea SCHALL.

Berlenga: rara; sôbre as plantas. Pouco comum no país.
Europa.

Apteropeda globosa ILLIG.

Berlenga: rara. Comum no país.
Europa meridional.

Bruchus pisi L.

Berlenga: pouco num
todo o país.

Eusomus salsicola FAIRM.

Berlenga: pouco abund

Sitones humeralis STEPH.

Berlenga: abundante; s
Europa.

Hypera lusitanica CAP.

Berlenga: um único e
Espécie própria de Po

Hypera sp.

Berlenga: sôbre as p
segundo GIRARD.

Phytomonus variabilis HEER

Berlenga: pouco comu
Europa.

Coniatus repandus FABR.

Berlenga: pouco num
Europa meridional.

Acalles dromedarius BOH.

Berlenga: raro bem
Europa meridional.

Lariidae

Bruchus pisi L.

Berlenga: pouco numerosos; sôbre as plantas. Comum em todo o país.

Curculionidae

Eusomus salsicola FAIRM.

Berlenga: pouco abundante. Pouco comum no país.

Sitones humeralis STEPH.

Berlenga: abundante; sôbre as plantas. Comum em todo o país. Europa.

Hypera lusitanica CAP.

Berlenga: um único exemplar. Pouco freqüente no país. Espécie própria de Portugal.

Hypera sp.

Berlenga: sôbre as plantas, em pequeno número. Lisboa segundo GIRARD.

Phytomonus variabilis HERBET.

Berlenga: pouco comum. Disperso por todo o país. Europa.

Coniatus repandus FABR.

Berlenga: pouco numerosos. Abundante no país. Europa meridional.

Acalles dromedarius BOH.

Berlenga: raro bem como no país. Europa meridional.

Scarabaeidae

Rhizotrogus cicatricosus MULS.

Berlenga: pouco numerosos. Espalhado por todo o país.
Europa.

Amphimalus lusitanicus GYLL.

Berlenga: um único exemplar. Abundante em todo o país.
Espécie própria da nossa península.

Potosia morio FABR.

Berlenga: pouco comum. Abundante em todo o país.
Europa meridional.

Dípteros

Psychodidae

Psychoda alternata SAY.

Berlenga: dois indivíduos; na fortaleza. Freqüente no país.

Tipulidae

Tipula lunata L.

Berlenga: freqüente; nas imediações do farol.
Não conheço nenhuma referência a esta espécie no nosso país.

Asilidae

Antiphrisson trifarius LW.

Berlenga: pouco numeroso. Freqüente no país.

Dismachus trigonus MEIG.

Berlenga: um só exemplar. Freqüente no país.

Dismachus cristatus MEIG.

Berlenga: um só exem

Machimus geniculatus MEIG.

Berlenga: pouco freqü

Machimus atricapillus MEIG.

Berlenga: pouco abun
víduo (GIRARD). Freqüen

Thereva fulva MEIG.

Berlenga: pouco abun
Pôrto.

Thereva bipunctata MEIG.

Berlenga: pouco abun
meira.

Lomatia Belzebul FABR.

Berlenga: pouco num

Melanostoma scalare FABR.

Berlenga: freqüente.

Syrphus balteatus DEZ.

Berlenga: abundante
Abundante em todo o país

Dismachus cristatus MEIG.

Berlenga: um só exemplar. Pouco freqüente no país.

Machimus geniculatus MEIG.

Berlenga: pouco freqüente. Freqüente no país.

Machimus atricapillus MEIG.

Berlenga: pouco abundante. Farilhão Grande: um só indivíduo (GIRARD). Freqüente no país.

Therevidae

Thereva fulva MEIG.

Berlenga: pouco abundante. Encontrado nos arredores do Pôrto.

Thereva bipunctata MEIG.

Berlenga: pouco abundante. Encontrado em Leça de Palmeira.

Bombylidae

Lomatia Belzebul FABR.

Berlenga: pouco numerosos. Todo o país.

Syrphidae

Melanostoma scalare FABR.

Berlenga: freqüente. Todo o país.

Syrphus balteatus DEZ.

Berlenga: abundante; imediações da Fonte da Fortaleza. Abundante em todo o país.

Syrphus corollae FABR.

Berlenga: freqüente; caminho do Carreiro da Fortaleza. Disperso pelo país.

Syrphus ribesii L.

Berlenga: abundante; Fonte da Fortaleza. Comum em todo o país.

Syrphus pyrastris L.

Berlenga: freqüente; Carreiro da Fortaleza. Todo o país.

Eristalis tenax L.

Berlenga: abundante; sobre as compostas. Comum em todo o país.

Syrphidia pipiens L.

Berlenga: pouco freqüente. Comum em todo o país.

Eumerus barbarus COQ.

Berlenga: pouco freqüente; caminho do Carreiro da Fortaleza. Encontrado em Leça da Palmeira.

Eumerus strigatus FALL.

Berlenga: pouco freqüente. Encontrado em Leça da Palmeira e Penafiel.

Chrysotoxum elegans LW.

Berlenga: dois exemplares; Fonte da Fortaleza. Freqüente no país.

Chrysotoxum vernale LW.

Berlenga: pouco freqüente. Comum no país.

Sarcophaga carnaria L.

Berlenga: freqüente;

Sarcophaga haemorrhoidalis L.

Berlenga: com a prec

Sarcophaga melanura MEIG.

Berlenga: pouco num
meira.

Pollenia rudis FABR.

Berlenga: freqüente.

Lucilia caesar L.

Berlenga: freqüente.

Lucilia sericata MEIG.

Berlenga: abundante

Calliphora erythrocephala L.

Berlenga: abundante
tugal.

Calliphora vomitoria L.

Berlenga: pouco nu

Onesia sepulchralis MEIG.

Berlenga: um exen

Tachinidae

Sarcophaga carnaria L.

Berlenga: freqüente; Carreiro da Fortaleza. Todo o país.

Sarcophaga haemorrhoidalis FALL.

Berlenga: com a precedente. Todo o país.

Sarcophaga melanura MEIG.

Berlenga: pouco numerosa. Encontrado em Leça da Palmeira.

Pollenia rudis FABR.

Berlenga: freqüente. Dispersa pelo país.

Lucilia caesar L.

Berlenga: freqüente. Todo o país.

Lucilia sericata MEIG.

Berlenga: abundante. Comum em todo o país.

Calliphora erythrocephala MEIG.

Berlenga: abundante. Abundante por tôda a parte em Portugal.

Calliphora vomitoria L.

Berlenga: pouco numerosa. Comum em todo o país.

Onesia sepulchralis MEIG.

Berlenga: um exemplar. Freqüente em todo o país.

Anthomyidae

Musca domestica L.

Berlenga: comum. Abundante em tôda a parte.

Musca tempestiva FALL.

Berlenga: pouco comum. Freqüente no país.

Stomoxys calcitrans L.

Berlenga: abundante; praias da Fortaleza e do Mosteiro. Comum por todo o país.

Hematobia stimulans MEIG.

Berlenga: raros exemplares; praia da Fortaleza. Freqüente no país.

Muscina stabulans FALL.

Berlenga: dois exemplares. Freqüente em todo o país.

Polietes lardaria FABR.

Berlenga: rara. Freqüente em todo o país.

Fannia canicularis L.

Berlenga: comum; Fortaleza. Comum no país.

Fucellia maritima HAL.

Berlenga: freqüente; na praia do Mosteiro. Freqüente em tôdas as praias do país.

Scatophagidae

Scatophaga stercoraria L.

Berlenga: freqüente. Comum em todo o país.

Pulex irritans L.

Berlenga: comum. C

Ceratophyllus fasciatus BO

Berlenga: sôbre coell

Spilopsyllus cuniculi DALE

Berlenga: freqüente;

Athalia spinarum FAB.

Berlenga: um exem

Tiphia femorata FABR.

Berlenga: pouco nu
no país.

Tiphia hispanica DUSM.

Berlenga: com a pr

Odinerus parietum L.

Berlenga: um só e

Andrena pilipes FABR.

Berlenga: em pequ
trado nos arredores do

Afanípteros

Pulex irritans L.

Berlenga: comum. Comum no país.

Ceratophyllus fasciatus Bosc.

Berlenga: sobre coelho. Comum no país.

Spilopsyllus cuniculi DALE.

Berlenga: freqüente; sobre coelho. Comum no país.

Himenópteros

Tenthredinidae

Athalia spinarum FAB.

Berlenga: um exemplar. Disperso por todo o país.

Tiphiidae

Tiphia femorata FABR.

Berlenga: pouco numerosos; sobre as umbelíferas. Comum no país.

Tiphia hispanica DUSM.

Berlenga: com a precedente. Freqüente em todo o país.

Eumenidae

Odinerus parietum L.

Berlenga: um só exemplar. Freqüente no país.

Apidae

Andrena pilipes FABR.

Berlenga: em pequeno número; caminho do Mosteiro. Encontrado nos arredores do Pôrto.

Xilocopa violacea LAT.

Berlenga: pouco numerosos; caminho do carreiro do Mosteiro. Freqüente em todo o país.

Anthophora 4-fasciata VILL.

Berlenga: dois exemplares. Freqüente em todo o país.

Anthophora sp.

Berlenga: abundante; caminho do carreiro do Mosteiro.

Anthophora bimaculata PANZ.

Berlenga: um único indivíduo. Encontrado na Foz do Douro.

Ceratina cucurbitina ROSSI.

Berlenga: pouco numerosa. Todo o país.

Osmia notata FABR.

Berlenga: pouco numerosa. Dispersa por todo o país.

Lepidópteros**Pieridae****Pieris rapae** L.

Berlenga: pouco numerosa. Comum por tôda a parte no país.

Colias edusa FABR.

Berlenga: abundante. Comum por tôda a parte.

Nymphalidae**Vanessa atalanta** L.

Berlenga: freqüente. Comum no país.

Vanessa cardui L.

Berlenga: comum (GIRARD). Freqüente em todo o país.

Chrysophanus phlaeas L.

Berlenga: pouco abundante.

Plusia gamma L.

Berlenga: abundante. Comum.

Arctia vilica L.

Berlenga: pouco abundante.

Lithosia complana L.

Berlenga: freqüente. Comum.

Brachipelta aterrima FORST.

Berlenga: em pequeno número.

Calocoris sulphureus REUT.

Berlenga: freqüente. Comum.

Vanessa cardui L.

Berlenga: comum (GIRARD). Farilhão Grande: comum (GIRARD). Freqüente em todo o país.

Lycaenidae

Chrysophanus phlaeas L.

Berlenga: pouco abundante. Dispersa pelo país.

Noctnidae

Plusia gamma L.

Berlenga: abundante. Comum em tôda a parte.

Arctiidae

Arctia vilica L.

Berlenga: pouco abundante. Freqüente no país.

Lithosia complana L.

Berlenga: freqüente. Norte do país.

Heterópteros

Pentatomidae

Brachipelta aterrima FORST.

Berlenga: em pequeno número. Dispersa pelo país.

Capsidae

Calocoris sulphureus REUT.

Berlenga: freqüente. Todo o país.

Reduvidae

Nabis ferus L.

Berlenga: pouco numerosos. Comum em todo o país.

Lygaeidae

Nysius senecionis SCHILL.

Berlenga: abundante. Comum em várias regiões do país.

Homópteros

Tettigometridae

Tettigometra virescens (PANZ.).

Berlenga: pouco abundante. Citado da Serra da Gardunha, Castelo de Vide, Leça da Palmeira e Soure.

Ortópteros

Locustidae

Sub-fam. Acrydinae

Paratettix meridionalis (RAMB.).

Berlenga: poucos exemplares. Freqüente no país.

Sub-fam. Oedipodinae

Oedipoda coerulescens (L.).

Berlenga: jovens em pequeno número. Comum no país.

Acrotylus insubricus (SCOP.).

Berlenga: pouco freqüente. Abundante no país.

Pezotettix giornal (ROSSI).

Berlenga: pouco freqüente.

Calliptamus italicus (L.).

Berlenga: em pequeno número.

Loboptera decipiens (GERM.).

Berlenga: abundante; comum em todo o país.

Lepinotus inquilinus HEYDEN.

Berlenga: dependência em pequena parte.

Haplophilus dimidiatus (MELI).

Berlenga: um só exemplar.

Chaetochelyne vesuviana (N.).

Berlenga: pouco freqüente.

Pezotettix giornai (ROSSI).

Berlenga: pouco freqüente. Comum no país.

Calliptamus italicus (L.).

Berlenga: em pequeno número. Comum no país.

Blatários**Blattidae****Loboptera decipiens** (GERM.).

Berlenga: abundante; debaixo das pedras. Freqüente em todo o país.

Psocópteros**Atropidae****Lepinotus inquilinus** HEYDEN.

Berlenga: dependências da Fortaleza. Comum por tôda a parte.

Chilópodos**Himantariidae****Haplophilus dimidiatus** (MEINERT).

Berlenga: um só exemplar.

Geophilidae**Chaetechelyne vesuviana** (NEWPORT).

Berlenga: pouco freqüente.

Geophilus carpophagus LEACH.

Berlenga: freqüente. Comum no país.

Lithobiidae

Lithobius pilicornis NEWPORT.

Berlenga: debaixo das pedras.

Diplópodos

Iulidae

Iulus sp.

Berlenga: numerosos; debaixo das pedras.

Aracnídeos

Salticidae

Heliophanus cupreus WALCK.

Berlenga: dois exemplares. Citado da Foz do Douro, S. Mamede de Recesinhos e Coimbra.

Menemerus semilimbatus HAHN.

Berlenga: pouco freqüente. Citado da Foz do Douro, Coimbra e V. R. de S.^{to} António.

Urocteidae

Uroctea durandi (LAT.).

Berlenga: abundante. Citado da Serra da Cabreira e Coimbra.

Teutana grossa (C. KOCH).

Berlenga: freqüente. C.
S. Martinho d'Anta e Coimbra.

Armadillidium pustulatum ED.

Berlenga: numerosos de

Armadillidium granulatum BR.

Berlenga: abundante sc
Figueira.

Porcellio scaber LATR.

Berlenga: numerosos de
Pôrto, Buçaco e Coimbra.

Porcellio echinatus LUCAS.

Berlenga: um só exemp

Porcellionides pruinosis (BRA.

Berlenga: pouco numer

Theridionidae

Teutana grossa (C. KOCH).

Berlenga: frequente. Citado da Foz do Douro, Valongo, S. Martinho d'Anta e Coimbra.

Isópodos

Armadillidiidae

Armadillidium pustulatum EDWS.

Berlenga: numerosos debaixo das pedras (GIRARD).

Armadillidium granulatum BRANDT.

Berlenga: abundante sob as pedras. Citado de Coimbra e Figueira.

Porcellionidae

Porcellio scaber LATR.

Berlenga: numerosos debaixo das pedras. Citado de Braga, Pôrto, Buçaco e Coimbra.

Porcellio echinatus LUCAS.

Berlenga: um só exemplar. Citado de Setúbal e Serpa.

Porcellionides pruinosus (BRANDT).

Berlenga: pouco numerosos.